

sessões do MAGNÁRIO

VOL. 18 | N. 30 | 2013

CURTA NOSSA
PÁGINA

**Caravaggio, Rammstein
e Madonna**

Ticiano Paludo

P.79

**Hipermodernidade, sociabilidade
e tecnologias digitais**

Erika Oikawa

P.89

**Manifestações e mídias
alternativas**

Antonio Brasil e Samira Moratti Frazão

P.127

Drones no ar e ninjas nas ruas: os desafios do jornalismo imersivo nas mídias radicais

Drones in the air and ninjas on the streets: the challenges of immersive journalism in the radical media

Antonio Brasil¹ , Samira Moratti Frazão² 

Resumo

Nas manifestações populares recentes no Brasil, os jornalistas enfrentaram dificuldades para realizar a cobertura jornalística, fazendo uso de tecnologias como os *drones*. Em contraste, mídias alternativas como a *Mídia N.I.N.J.A.* praticaram o jornalismo imersivo, transmitindo os protestos pela internet. Para tratar este movimento, recorre-se aos estudos de Castells, Foucault e Downing. O objetivo é investigar como se constroem as estratégias de cobertura pela mídia tradicional e mídia alternativa, a partir da revisão de artigos divulgados na imprensa e vídeos disponíveis na internet.

Palavras-chave

Manifestações populares; mídias alternativas; jornalismo imersivo.

Abstract

The recent manifestations in Brazil constitute a scenario where journalists face difficulties in performing the journalistic coverage, making use of technologies like drones. In contrast, alternative media such as Media N.I.N.J.A. practice the immersive journalism, broadcasting the protests by internet. This trend is analyzed through the study of Castells, Foucault and Downing. From the reviewing of articles published in the press and videos available on the internet, this paper aims to investigate how coverage strategies are constructed by traditional media and alternative media.

Keywords

Public manifestations; alternative media; immersive journalism.

Introdução

A sociedade brasileira foi surpreendida com a magnitude, diversidade e persistência das manifestações populares nas ruas das principais cidades brasileiras desde junho de 2013. Para compreender essa nova realidade, o público busca notícias, explicações e, principalmente, imagens sobre os protestos de rua. No entanto, o cenário social e político ainda é difuso, indeterminado e, em outras situações, violento e hostil. A imprensa e as entidades de classe divulgaram matérias sobre repórteres ameaçados ou atacados pela polícia e pelos manifestantes. Nos protestos de rua, instituições tradicionais tais como o governo, a polícia e o jornalismo, foram questionadas e desafiadas.

Nos noticiários surgem novos e inesperados atores sociais, além de fluxos informacionais experimentais e inovadores. As manchetes os descrevem como manifestantes, “protestadores”, vândalos ou baderneiros. No campo informacional, os jornalistas são designados como alternativos e as novas mídias digitais são descritas como independentes ou radicais, tais como o grupo *Mídia N.I.N.J.A.*³, do qual falaremos adiante. Neste mesmo cenário, os jornalistas que trabalham para meios tradicionais enfrentam grandes dificuldades para cobrir os novos eventos.

O noticiário brasileiro deu destaque às imagens de manifestantes “hostilizando” e impedindo o trabalho dos repórteres de TV, carros de reportagem destruídos, além de jornalistas que foram vítimas da violência policial. Em resposta a essa dinâmica social, emissoras de TV em várias capitais optaram pela estratégia de afastamento dos acontecimentos considerados adversos e imprevistos. Essa iniciativa restringiu o posicionamento de jornalistas de TV ao alto dos prédios vizinhos aos protestos. Nessa mesma

orientação, alguns jornalistas de TV se restringiram a transmitir ao vivo as manifestações somente das cabines de helicópteros de reportagem. A Rede Globo de Televisão, por exemplo, também considerou necessário responder as críticas e hostilidades de uma parcela de manifestantes com a transmissão de declarações por meio de editoriais no *Jornal Nacional*, telejornal de maior prestígio da emissora⁴.

Além do afastamento das equipes de reportagens e de explicações transmitidas para o público, também houve a “descaracterização” da cobertura das emissoras de TV, com a retirada das canoplas⁵ presentes nos microfones e utilizadas pelos repórteres de vídeo, ou outro tipo de identificação visual utilizada pelo profissional, seja repórter, cinegrafista ou outro auxiliar. É importante destacar que, no contexto das rotinas profissionais do telejornalismo, assim como o microfone é considerado a “arma” do repórter de TV, a canopla é a identificação funcional da emissora para a qual o profissional trabalha.

Nessa mesma vertente, empresas de comunicação como a *Folha de S. Paulo*⁶ e *O Globo*⁷ testaram tecnologias como os *drones*⁸ para a cobertura das grandes manifestações no Rio e em São Paulo. Operados à distância, os *drones* portam poderosas câmeras fotográficas e videográficas que garantem imagens inusitadas, mas também afastam o jornalista dos fatos.

No sentido oposto dessas estratégias de cobertura jornalística das empresas de comunicação tradicionais que privilegiam o afastamento, constata-se a expansão da mídia considerada alternativa, independente ou radical que opta pelo “jornalismo imersivo”. Trata-se de uma proposta de abordagem e produção na qual o jornalista “mergulha” nos fatos e eventos. Em

contrapartida, o telespectador “participa” da produção e da transmissão das notícias e das coberturas pelas redes sociais, indicando pautas, expondo opinião a respeito dos fatos reportados ou colocando-se à disposição para auxiliar no processo noticioso, desempenhando, inclusive, funções antes delegadas exclusivamente aos jornalistas.

Com pressupostos teóricos fundamentados nos conceitos de Castells, Foucault e Downing, o presente estudo é mais uma etapa da pesquisa iniciada em 2001 sobre as narrativas, tecnologias e mídias alternativas com transmissões ao vivo na internet. O objetivo é investigar como se constroem os sentidos na mídia, diante das estratégias diferenciadas de cobertura de grandes manifestações populares pela mídia tradicional e mídia alternativa.

Cobertura jornalística pelo jornalismo imersivo

Antes de se falar a respeito das ações jornalísticas alternativas como as empreendidas com o auxílio de *drones* ou mesmo por grupos independentes como o *Mídia N.I.N.J.A.*, é necessário compreender os conceitos teóricos que darão base para a discussão. Com relação à cobertura, de imediato, e aos preceitos do jornalismo, a questão que se enfrenta é a da própria definição do termo. Assim, recorrendo à experiência profissional e aos manuais de produção, a cobertura corresponde ao trabalho de reportagem a ser realizado no local de ocorrência de um fato a ser noticiado. Porém, há também a acepção mais técnica que indica o termo cobertura a ser compreendido como a área definida pelo espaço geográfico ou virtual de abrangência, ou espaço recoberto ou alcance de sinal da emissora ou veículo de imprensa. Na atualidade, é comum nas



redações designar cobertura para praticamente todo o trabalho de reportagem que aprofunde, desenvolva ou diversifique um tema central (Emerim; Brasil, 2011).

Apesar de as transmissões feitas do local do acontecimento também serem descritas como grandes coberturas, não significa que se trate de coberturas grandes, uma vez que os termos podem ser

compreendidos de duas formas distintas: conceitual – relativa ao trabalho jornalístico e as perspectivas possíveis para exibição do fato – e temporal – quando a cobertura do acontecimento é feita durante um longo período de tempo (Emerim; Brasil, 2011).

No senso comum, grandes coberturas e transmissões ao vivo estão intimamente ligadas, uma

vez que é inerente à própria existência da televisão brasileira, criada em tempo real. Além disso, comumente se emprega o uso da transmissão ao vivo para grandes acontecimentos, gerando no telespectador a impressão de que presenciará uma grande cobertura. No entanto, aqui se considera como transmissão ao vivo em televisão a “operação técnica que permite

produzir e apresentar eventos simultaneamente à sua ocorrência” (Emerim; Brasil, 2011, p. 3). Em oposição a esse tipo de estratégia de cobertura jornalística utilizada pelas empresas de comunicação tradicionais, é possível analisar a estratégia inovadora das mídias consideradas radicais ou alternativas.

Essa apresentação simultânea dos acontecimentos pode ser responsável por construir a retórica do direto (Martín-Barbero, 1997), segundo a qual um dispositivo organiza o espaço da televisão sobre o eixo da proximidade e da magia do ver. Para Martín-Barbero (1997), o principal efeito de sentido produzido é o da imediatez, uma das características da própria televisão. É em virtude desse imediatismo, impulsionado pela gravação ao vivo e transmissão direta, que a atenção do telespectador é atraída.

Reportar direto do local de acontecimento dos fatos contribui para a imersão do indivíduo no acontecimento. No caso das manifestações, a estratégia se opõe à postura tradicional dos grandes veículos de comunicação que optaram por se distanciar dos eventos ao preferir “subir no telhado” ou embarcar em helicópteros e se afastar da realidade (Brasil, 2013a). Dessa forma, a principal característica do jornalismo imersivo é o envolvimento e a participação.

Esse tipo de experiência propõe ao indivíduo a imersão na narrativa, tomando parte dos acontecimentos de forma mais aprofundada. O mesmo acontece em jogos ou outras soluções que utilizem a realidade virtual. Recursos imersivos, leitor imersivo, processo imersivo e *news games* são exemplos de recursos de narração que possibilitam graus diferenciados de imersão, assim como perspectivas distintas da realidade, “oportunizando ao público ter novos pontos de vista dos fatos e acontecimentos” (Souza, 2010, p. 8).

Democracia, visibilidade, vigilância e as mídias radicais

Segundo o sociólogo e ativista Herbert de Souza (apud Franke; Trevisol, 2010), para o exercício da democracia, é preciso destacar cinco princípios fundamentais: igualdade, diversidade, solidariedade, liberdade e participação nas relações de poder presentes nas esferas social, jurídica, política e de igualdade; com respeito aos direitos de todos, garantindo, ainda, o direito ao indivíduo à participação nos acontecimentos, tornando-o, portanto, cidadão. Essa participação seria conjunta unida a outros poderes, e aqui se inclui a mídia em geral, pela importância e visibilidade que fornece à informação, para a organização e vida em sociedade.

Em outra vertente que caracteriza as relações entre o poder e visibilidade, Michel Foucault (apud Thompson, 1999) recorre a uma imagem emblemática: o Panóptico. Em 1791, o filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham publicou um modelo de penitenciária que seria considerada ideal, chamada de *Panopticon*. A construção consistia em um prédio circular com uma torre de observação disponibilizada ao centro, da qual seria possível controlar os presos continuamente. “Cada interno, confinado em sua cela, é permanentemente visível; cada ação pode ser vista e monitorada pelo supervisor que permanece invisível” (Thompson, 1999, p. 120). Dessa forma, o termo “panóptico” ou “panoptismo” é utilizado por Foucault para designar uma sociedade de controle. Em outros casos, teóricos como Howard Rheingold (2000) utilizam esses termos em referência a um possível controle que os novos meios de informação teriam sobre seus usuários.

Nesse contexto, é possível perceber a importância do modelo do Panóptico de Foucault nos estudos de novas tecnologias observacionais como os *drones*

e mídias alternativas como o grupo *Mídia N.I.N.J.A.*, cuja argumentação baseia-se, sobretudo, em tentar esclarecer ao público fatos que seriam omitidos do discurso empregado pelas mídias tradicionais. Em relação às mídias alternativas ou radicais, aqueles que exercem o poder é que são submetidos à visibilidade de uma forma bem maior do que aqueles sobre quem o poder é exercido. Desse modo, somente haverá democracia quando os indivíduos participarem das ações promovidas pelos poderes existentes, incluindo a mídia (Franke; Trevisol, 2010).

Assim sendo, as manifestações de rua enquanto “movimentos sociais” se enquadram nos fundamentos do exercício da democracia no Brasil. No caso das manifestações recentes, poderia ser aplicado o conceito de “movimentos sociais em rede” (Castells, 1999), um modelo comum a movimentos em diversos países como os Estados Unidos, Espanha, Líbia e Egito. Especificamente a respeito das manifestações brasileiras, o sociólogo Manuel Castells disse recentemente, em entrevista, que esses movimentos começam

[...] na *web* (internet e redes móveis), mas se articulam no espaço público urbano e interagem constantemente pelas redes sociais digitais, redes de proximidade física e no uso do espaço público em manifestações e ocupações. Por isso falo de um novo espaço, o espaço da autonomia (apud Brandalise, 2013, on-line).

Essas ocorrências no Brasil não estariam isoladas em um contexto nacional. Os movimentos se conectam em redes globais e esta é a nova forma de mudança social na sociedade em rede, caracterizada, por sua vez, pelo

funcionamento em redes informáticas telecomunicadas existentes em todas as esferas sociais. Nesse sentido, os movimentos sociais se expressam dentro e fora das ruas, mas principalmente em uma rede, como foi uma das principais características das manifestações brasileiras e da ação dos grupos independentes de mídia, os quais organizavam as manifestações inicialmente pela internet (Brandalise, 2013).

A prática das mídias alternativas costuma surgir em um contexto político e social de opressão e no qual há o controle da informação, em qualquer país, sejam os que vivem em regime democrático, liberal ou ditatorial. O modelo adotado por este tipo de mídia é o da contrainformação, quando grupos independentes promovem a revolução da informação, munindo a sociedade com fatos que são considerados como ausentes ou omitidos no discurso pregado pelas mídias tradicionais. Dessa forma, haveria a democratização da informação, possibilitando ao público o conhecimento da “verdade” sobre os fatos (Downing, 2002). Esse tipo de contrainformação acaba por fortalecer o público e sua confiança, em detrimento da credibilidade das mídias estabelecidas. Haveria, então, a possibilidade de mudanças sociais, não só de ordem informativa.

Para Downing (2002) a mídia radical é compreendida como o uso e apropriação do jornalismo em plataformas consideradas tradicionais ou inovadoras (poderíamos incluir, aqui, a cobertura com transmissão em tempo real pelo celular com acesso à internet). Também pode existir em outras esferas, como em atividades culturais, por exemplo.

Tanto a prática do jornalismo imersivo quanto às atribuições informativas empreendidas por grupos

de mídia radicais procuram aproximar o repórter, ou indivíduo que se apropria dessa função, aos fatos, com atitudes diferenciadas, narrativas audiovisuais inovadoras e ferramentas profissionais mais específicas e apropriadas para cobrir uma nova realidade. E é nesse cenário que entra em cena os *drones* jornalísticos e as narrativas comunicacionais da mídia alternativa, tais como a *Mídia N.I.N.J.A.*

O uso dos *drones* no jornalismo

Drone (zangão, em inglês) ou Veículo Aéreo Não Tripulado (VANT) é todo e qualquer tipo de aeronave que não necessita de pilotos embarcados para ser guiada. Esses aviões-robôs são pilotados a distância por meios eletrônicos e computacionais e transportam câmeras de vídeo de alta resolução, com capacidade de gravar e transmitir imagens ao vivo a grandes alturas e distâncias (Brasil, 2013b).

Nos Estados Unidos, a utilização do *drone* é ilegal mesmo para jornalistas profissionais. A regulamentação para a utilização doméstica de *drones*, no entanto, tem mudado rapidamente. Instituições de segurança já utilizam os *drones* para tratar de assuntos como monitoramento e vigilância de queimadas e observação do nível da água de rios. Nos cursos de Jornalismo nos EUA, disciplinas já são ofertadas aos alunos para que aprendam a pilotar o aparelho, coletar imagens e vídeos, entender como funciona a Administração Federal de Aviação (FAA) e discutir as questões de regulamentação, éticas e de privacidade que envolvem a utilização do dispositivo⁹.

Os *drones* possuem versões de baixo custo que são mais fáceis de operar e podem ajudar



ASSISTA AO VÍDEO



o jornalista a produzir reportagens. Porém, essa tecnologia também pode ser mais uma forma de ameaça às liberdades individuais. Os *drones* podem produzir imagens na forma de fotos ou vídeos para os jornalistas, mas também podem ser os “espiões” da polícia ou agências de inteligência do governo. Assim como as “câmeras ocultas”, também podem criar problemas, suscitar dúvidas éticas e oferecer perigos incomuns para os manifestantes.

Os norte-americanos têm utilizado sofisticados *drones* para espionagem e para eliminar terroristas ou pessoas indesejáveis, tornando-se uma arma poderosa (Setti, 2012). No entanto, também trouxeram questões éticas e legais para serem discutidas pela sociedade. Críticos falam em “assassinatos sem julgamento”, “guerra suja” e “violação das leis internacionais”. Outra utilização do recurso se refere à organização urbana. As forças de segurança nacionais – como a polícia – também utilizam os *drones* para monitorar o trânsito urbano, controlar áreas consideradas perigosas, fronteiras internacionais e investigar criminosos.

É necessário enfatizar que, apesar dos riscos e ameaças, os *drones* também podem ser úteis para coberturas jornalísticas consideradas perigosas para os profissionais da imprensa como correspondentes de guerra e repórteres que atuam em operações policiais ou, ainda, para a captação de imagens em desastres naturais como enchentes, incêndios ou terremotos. Também podem substituir com mais eficiência os helicópteros, mais caros, quando comparados ambos os recursos. Contudo, o manejo de um *drone* requer habilidade, uma vez que também pode pôr em risco à vida de quem o manipula, assim como dos espectadores que estejam abaixo da área sobrevoada (Martinelli, 2011; 2012).



Mídia N.I.N.J.A.: Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação

Nesse mesmo contexto de expansão na utilização de imagens videográficas na internet e em recorrência de grandes manifestações populares no Brasil, surge uma proposta midiática: o coletivo *Mídia N.I.N.J.A.*¹⁰: *Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação*, que tem sido responsável pela cobertura alternativa das recentes manifestações ocorridas no Brasil nos meses de junho, julho e agosto de 2013, enfatizando o debate sobre o jornalismo e ativismo.

O modelo de transmissão adotado é livre, sem edição das imagens. Ou seja, as imagens transmitidas são brutas, sem cortes, feitas direto do acontecimento e transmitidas em tempo real, atraindo milhares de pessoas que participavam das manifestações ou que as acompanhavam pelas redes sociais.

O grupo transmite sua cobertura jornalística por meio de aplicativos de *streaming*, que consistem em uma forma gratuita de distribuição de conteúdo multimídia por meio de pacotes que seguem em fluxo contínuo na internet (Silva, 2008). A transmissão é interrompida

a cada meia hora e reposta no ar. Ultimamente o grupo faz uso do *TwitCasting*¹¹, disponível na internet de forma livre, não sendo necessário nenhum tipo de cadastro para sua visualização, apenas o link, disseminado rapidamente pelas redes sociais ou disponibilizado na página da *Pós.TV*¹². A cobertura é feita por meio de um celular com acesso à internet 3G ou 4G e um *laptop*, na base do improviso, quando surgem os eventos a serem monitorados de perto (Lorenzotti, 2013).

A visibilidade alcançada pelo grupo foi notada principalmente durante a cobertura dos protestos realizados por todo o Brasil no mês de junho. A história do grupo, porém, começou durante a cobertura ao vivo da Marcha da Liberdade de São Paulo, em 28 de maio de 2011, resultando no lançamento do *Pós.TV*, canal de transmissão por *streaming* de debates e outros eventos alternativos (Mazotte, 2013).

O grupo *Mídia N.I.N.J.A.* ganhou força motivado por demissões de jornalistas nas redações de alguns veículos jornalísticos paulistanos durante o mês de junho. Bruno Torturra, um dos integrantes do grupo, era repórter de uma revista antes de se dedicar à iniciativa ('N.I.N.J.A. TV', 2013).

O canal também é mantido por integrantes do circuito *Fora do Eixo*¹³. A organização nasceu em 2005, inicialmente como uma rede responsável por organizar circuitos de música e impulsionar artistas independentes. Atualmente mais de 270 coletivos fazem parte do circuito, em várias cidades brasileiras (Mazotte, 2013).

Para um dos fundadores do *Fora do Eixo* e integrante do *N.I.N.J.A.*, Pablo Capilé, a iniciativa inova o jornalismo: "Nos protestos vemos os grandes veículos de comunicação colocados em xeque. Esse contexto é bom para que iniciativas independentes que estão pensando

novas narrativas se fortaleçam" (apud Mazotte, 2013, on-line). Em uma das transmissões, alcançaram a marca dos 100 mil espectadores. No *Facebook*, com pouco mais de quatro meses de existência, já possuem cerca de 230 mil curtidas¹⁴ de usuários que optam por receber suas atualizações.

Assim como pautam a mídia tradicional, principalmente quando suas coberturas alcançam grande repercussão entre os internautas e espectadores na web, o grupo também se torna pauta não só da imprensa como de profissionais da área. As críticas sobre as coberturas se referem, especialmente à qualidade técnica da transmissão, referente à imagem e som, assim como são questionados pela credibilidade do jornalismo praticado por eles. Um exemplo recente foi o da entrevista conduzida por eles com o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, que concedeu a entrevista exclusivamente para os ninjas¹⁵, como são chamados entre si e nas redes sociais. A entrevista foi criticada por alguns profissionais, pesquisadores e veículos de imprensa, que os consideraram despreparados. As críticas, contudo, foram rebatidas pelo grupo em sua página no *Facebook*: "[...] é no processo, na experiência, na transparência, no teste real, ao vivo e sem cortes, que estamos avançando" (*Mídia N.I.N.J.A.* apud Mazotte, 2013).

Diferente do jornalismo tradicional, que tem como principais preceitos buscar um olhar distanciado e isento dos fatos, o mesmo não ocorre com o jornalismo praticado pelas mídias alternativas, que não possuem um plano fixo de orientação. Mas a função desse tipo de cobertura praticada pelas mídias alternativas é justamente romper com os paradigmas considerados clássicos para a profissão, como objetividade e imparcialidade. Para Bruno Torturra,

[o] principal objetivo [do *Mídia N.I.N.J.A.*] é retomar para a causa do jornalismo e da comunicação seu papel ativista de servir como olho público e fornecer informações cada vez mais qualificadas para defender a democracia (apud Mazotte, 2013, on-line).

Os *ninjas* acreditam que a chave para a sustentabilidade do grupo está no apoio recebido nas redes e nas ruas e planejam a atuação do grupo no futuro, lançando uma campanha *online* para angariar fundos e, desse modo, gerir financeiramente a plataforma para disponibilizar o conteúdo produzido pelo grupo na *web*. Entre outras ações futuras está também a transmissão de aulas públicas e a adaptação de formatos consagrados na mídia tradicional, como os programas de auditório, porém, feitos inteiramente nas ruas, com a proposta de debater, abertamente, as pautas que sejam de interesse da coletividade (Mazotte, 2013).

Considerações finais

Diante de crescentes e recorrentes manifestações populares, novas tecnologias como os *drones* e o conceito de jornalismo imersivo representado pelo grupo *Mídia N.I.N.J.A.* e grupos similares podem acrescentar uma nova perspectiva para a produção jornalística e merecem ser investigados pelos estudos de Jornalismo e de Comunicação.

Em relação às coberturas jornalísticas tradicionais com ênfase na TV, constata-se que, além da questão ética, a estratégia de afastar a equipe de reportagem dos acontecimentos de risco e a retirada das identificações das empresas jornalísticas implica um possível "ocultamento" do destino final da cobertura jornalística. Com a justificativa da necessidade em

proteger as equipes de reportagem de TV, tenta-se excluir uma informação importante para o público que participa das manifestações.

É importante que o público possa identificar para quem o jornalista presta seus serviços profissionais, da mesma forma que os policiais, que também trabalham durante as manifestações, devem ser identificados com nome e unidade militar para que os manifestantes tenham o direito de saber para quem eles estão falando. Deve ser assim também, portanto, para quem está captando as imagens dos manifestantes e como essas imagens serão utilizada nos telejornais. Ocultar a canopla ou qualquer outra identificação visual que denote a identidade profissional do jornalista e sua relação com a emissora em que trabalha pode criar um distanciamento ou desconfiança do público em relação ao seu trabalho.

Prover segurança adequada para o trabalho de seus profissionais ou fazer uma cobertura melhor, mais equilibrada e menos sensacionalista talvez seja uma solução melhor para as emissoras do que buscar tecnologias perigosas, condenar as coberturas ao vivo pela mídia alternativa, colocar os repórteres no alto dos telhados, longe das hostilidades, porém, distantes dos fatos.

O novo modelo de cobertura jornalística televisiva de grandes eventos aponta a importância da participação de novos atores sociais, os manifestantes, com novas ferramentas digitais poderosas, os celulares e a internet, apoiados pela nova cultura informacional das redes sociais. Até porque, parece inevitável que, em pouco tempo, em tempo real, alguém possa contestar uma notícia divulgada como verdade absoluta nos nossos telejornais.

As novas tecnologias e narrativas também demandam novas posturas éticas e, principalmente,

nova legislação. E essa é a grande questão tanto em relação aos *drones* quanto ao jornalismo em tempo real, via internet e pelas mídias alternativas.

Mas, nenhuma tecnologia ou narrativa inovadora exclui riscos. As aeronaves não tripuladas que portam câmeras de vídeo para cobrir grandes eventos, mas precisam ser operadas por profissionais qualificados, podem apresentar problemas técnicos e causar vítimas, assim como podem cercear a liberdade de quem poderia estar visando informar a coletividade.

A imprensa especializada descreve a “revolução dos *drones*” e projeta milhares de aparelhos nos céus, em breve, seja a serviço do governo ou de empresas civis. Isso pode ser considerado uma boa notícia com grandes benefícios para todos. Aviões-robôs com câmeras ocultas podem mostrar os fatos, mas, é necessário refletir que, na mesma medida, podem espionar e denunciar aqueles que ousaram sair às ruas para mudar o país.

Por outro lado, a transmissão de grandes manifestações ao vivo via internet pela mídia alternativa também enfrenta desafios. Não se trata de simplesmente criticar ou condenar as novas tecnologias e os novos atores sociais que atuam nos processos informacionais e midiáticos. Entre os extremos de estratégias diferenciadas de cobertura jornalística, temos o espaço para o conceito de jornalismo imersivo.

As consequências dessas novas estratégias de cobertura jornalísticas de grandes eventos ainda são desconhecidas e merecem ser investigadas. Elas podem caracterizar um “jornalismo de afastamento” das notícias e das expectativas informacionais dos telespectadores. O afastamento das notícias e dos eventos considerados arriscados abre um precedente perigoso para o jornalismo tradicional. O jornalista que

não testemunha os fatos sem a sua presença física para descrever e compartilhar as notícias pode ter problemas de acuidade e credibilidade.

É necessário estudar as transformações não só das tecnologias e das mídias, mas, igualmente, investigar o surgimento de novas narrativas informacionais, fluxos comunicacionais e relações cada vez mais híbridas entre emissor e receptor. Em meio aos protestos populares, podemos estar diante do surgimento de novos dispositivos de poder.

Referências

BRANDALISE, Vitor Hugo. Manuel Castells: “Os protestos mostram o amadurecimento da sociedade brasileira”. **Blog GQ – Brasil**, 26 de jul. 2013. Disponível em: <<http://gq.globo.com/Blogs/Vitor-Hugo-Brandalise/noticia/2013/07/manuel-castells-os-protestos-mostram-o-amadurecimento-da-sociedade-brasileira.html>>. Acesso em: 04 ago. 2013.

BRASIL, Antonio. Cobertura na TV ‘subiu no telhado’. **Observatório da Imprensa**, 25 jun. 2013a. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed752_cobertura_na_tv_subiu_no_telhado>. Acesso em: 03 ago. 2013.

BRASIL, Antonio. Drones espionam protestos no Brasil. **Observatório da Imprensa**, 02 jul. 2013b. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed753_drones_espionam_protestos_no_brasil>. Acesso em: 03 jul. 2013.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede (Vol. I)**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical:** rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.

EMERIM, Cárilda; BRASIL, Antonio. Coberturas em Telejornalismo. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), 2011, Recife. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1276-1.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2013.

FRANKE, Renato; TREVISOL, Márcio Giusti. Mídia e democracia: as transformações da esfera pública na era da visibilidade midiática. **Unoesc & Ciência** – ACHS, v. 1, n. 2. Joaçaba/SC: Unoesc, jul./dez. 2010, pp. 159-168.

LORENZOTTI, Elizabeth. POSTV, de pós-jornalistas para pós-telespectadores. **Observatório da Imprensa**, 25 de jun. 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/postv_de_pos_jornalistas_para_pos_telespectadores>. Acesso em: 03 ago. 2013.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTINELLI, Nicole. Cinco coisas que jornalistas precisam saber sobre jornalismo drone. **IJNET – Rede de Jornalistas Internacionais**, 19 dez. 2011. Disponível em: <<http://ijnet.org/pt-br/stories/cinco-coisas-que-jornalistas-precisam-saber-sobre-jornalismo-drone>>. Acesso em: 03 ago. 2013.

MARTINELLI, Nicole. Jornalismo drone encontra obstáculos para virar moda. **IJNET – Rede de Jornalistas Internacionais**, 04 abr. 2012. Disponível em: <<https://ijnet.org/pt-br/blog/jornalismo-drone-encontra-obstaculos-para-virar-moda>>. Acesso em: 03 ago. 2013.

MAZOTTE, Natalia. Mídia NINJA: um fenômeno de jornalismo alternativo que emergiu dos protestos no Brasil. **Journalism in the Americas** - The University of Texas at Austin, 25 jul. 2013. Disponível em: <<https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-14113-midia-ninja-um-fenomeno-de-jornalismo-alternativo-que-emergiu-dos-protestos>>. Acesso em: 04 ago. 2013.

‘N.I.N.J.A. TV’ busca novos meios de cobrir protestos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298124-ninja-tv-busca-novos-meios-de-cobrir-protestos.shtml>>. Acesso em: 02 ago. 2013.

RHEINGOLD, Howard. **The Virtual Community:** Homesteading on the Electronic Frontier. Londres: The MIT Press, 2000.

SETTI, Ricardo. Conheça os “drones”, os bombardeiros (e aviões-espiões) sem tripulação. **Veja**, 13 fev. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/vasto-mundo/conheca-os-drones-os-bombardeiros-e-avioes-espioes-sem-tripulacao/>>. Acesso em 03 ago. 2013.

SILVA, Fernando Firmino da. Jornalismo *live streaming*: tempo real, mobilidade e espaço urbano. In: 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor),

2008, São Bernardo do Campo. **Anais eletrônicos...** Brasília: SBPJor, 2008. Disponível em: <<http://sbpjour.kamotini.ghost.net/sbpjour/resumod.php?id=638>>. Acesso em: 08 ago. 2013.

SOUZA, Maurício Dias. Jornalismo e imersão: recursos narrativos que permitem experiências aprofundadas com os acontecimentos. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), 2010, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1152-1.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1999.

Notas

1. Doutor em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ). Professor do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (POSJOR/UFSC – Centro de Comunicação e Expressão, Campus Universitário – Trindade, Florianópolis-SC, Brasil, CEP: 88040-970) E-mail: antonibrasil@gmail.com
2. Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (POSJOR/UFSC – Centro de Comunicação e Expressão, Campus Universitário – Trindade, Florianópolis-SC, Brasil, CEP: 88040-970). E-mail: samiramoratti@gmail.com
3. O grupo possui uma página no Facebook, espaço no qual interage com internautas e divulga suas

